

MESTRADO INTEGRADO
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Abertura da adoção à escola: Perspetiva de crianças, pais e professores

Carla Marisa Sousa Marques

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**ABERTURA DA ADOÇÃO À ESCOLA:
PERSPETIVA DE CRIANÇAS, PAIS E PROFESSORES**

Carla Marisa Sousa Marques

Junho 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora
Maria Adelina Barbosa Ducharne (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

O autor declara que a presente dissertação é da sua autoria e que não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. O autor declara, ainda, que tem consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico. Também não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

O presente estudo encontra-se inserido num projeto de investigação mais amplo, o projeto de doutoramento de Joana Lara Ferreira Soares: “Preditores individuais, familiares e extrafamiliares da competência social em crianças adotadas”. Este projeto de doutoramento está a desenvolver-se na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), especificamente no Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA), sob a orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne e coorientação do Professor Doutor Jesús Palacios (Universidade de Sevilha). O projeto supracitado foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/77316/2011. No âmbito desta investigação, a FPCEUP, em específico o GIIAA, estabeleceu um protocolo de colaboração com o Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP), assinado a 16/09/2013. O projeto foi também autorizado pela Comissão de Ética da FPCEUP e pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (autorização 3912/2013). A recolha de dados no contexto escolar foi previamente aprovada pela Direção Geral de Educação (inquérito nº0379900001).

Em janeiro de 2017 integrei o GIIAA, enquanto mestranda, e, desde aí, estive presente nas reuniões semanais do grupo e participei ativamente nas tarefas propostas pelo mesmo. Neste âmbito realizei transcrições de entrevistas, pesquisas de artigos em bases de dados, inserção de dados em bases para o efeito, entre outras tarefas mais específicas, desenvolvidas no grupo de investigação.

A presente dissertação apresenta-se sob a forma de artigo, de forma a facilitar a difusão dos seus resultados e conclusões, quer à comunidade científica, quer aos profissionais da área.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço à professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne por me ter incentivado a embarcar neste projeto da adoção. Obrigada pelo apoio, pela compreensão e pelas palavras de conforto nos momentos de maior angústia e ansiedade.

À Joana Soares, doutoranda do projeto, pela paciência, pela disponibilidade, por me ajudar a refletir e a ver as coisas de outro ponto de vista. O meu mais sincero obrigado por tudo o que fizeste por mim!

A todos os membros do Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA), de modo especial à Sílvia, à Marta, à Sara e à Maria Emanuel por estarem disponíveis para me ajudar e por terem sempre uma palavra amiga a dizer.

À Mara e à Leonor, companheiras da área da adoção, por me terem dado a oportunidade de vos conhecer melhor e partilhar com vocês este último ano. Obrigada por todas as conversas, por escutarem as minhas dúvidas e por perceberem como me sentia.

À Joana Fernandes, à Sara Paiva, à Sofia Brito, à Sofia Magalhães e à Rosa Costa, pela vossa amizade, por me ajudarem e incentivarem a ser cada vez melhor. Obrigada pelas palavras de força, e coragem que me transmitiram. Por cada uma de vocês, à sua maneira, ter contribuído para a conclusão destes 5 anos.

Ao João, por ser o meu porto seguro, pelo apoio incondicional em tudo. Muito obrigada por me fazeres sorrir e seguir em frente de cabeça erguida!

Aos meus pais e ao meu irmão por estarem sempre presentes, por valorizarem aquilo que faço e por serem a melhor família do mundo!

Aos meus restantes familiares, cujos nomes não preciso de enumerar, por todo o apoio que me deram ao longo deste percurso.

Resumo

A partilha da adoção com a escola é uma das tarefas complexas a que a família adotiva tem de dar resposta. Embora a investigação neste âmbito seja escassa tem demonstrado que a abertura da adoção à escola é realizada sobretudo pelos pais. Quanto às crianças, a literatura é controversa, havendo estudos que indicam que os adotados não falam sobre a adoção na escola, enquanto outros referem que falam. De modo a contribuir para a evidência empírica nesta área, este estudo exploratório pretende analisar a abertura da adoção à escola, segundo a perspectiva dos principais envolvidos - crianças, pais e professores. Neste estudo participaram 80 crianças adotadas, com idades entre os 8-10 anos, 80 figuras parentais e 80 professores que responderam, respetivamente, à ECA, à EPA-C e ao EIACA-T. Os resultados mostraram que, na maioria dos casos, a escola tinha conhecimento da adoção, visto que os pais e algumas crianças tinham abordado o tema junto dos professores. Apesar disto, a maioria das crianças e dos pais referiram que o professor não abordou o tema da adoção na sala de aula, nem adequou as suas práticas pedagógicas. Além dos professores, os três informantes revelaram que a maioria dos colegas de turma também tinham conhecimento da adoção. Perante os resultados deste estudo, constatou-se que, apesar de haver abertura da adoção à escola, parecia existir falta de comunicação na família, pois havia maior abertura das crianças e dos pais com o professor e menor partilha entre crianças e pais daquilo que contaram.

Palavras-chave: escola, abertura da adoção, revelação social, multi-informantes, comunicação sobre adoção

Abstract

Disclosing adoption in the school is a challenging task that an adoptive family with school-aged children has to carry out. Adoption research on this issue is still scarce, but is consistent in pointing out the role played by parents in the process of adoption communication to the school staff. Regarding the role played by children, research is not consensual since some studies conclude that children do not talk about adoption in the school setting and others suggest a more active role. The present study is an exploratory one, aiming at analyzing the social disclosure/adoption communication openness at school, according to the perspective of the children, parents and teachers. Eighty children, aged 8 to 10, 80 adoptive parents and 80 teachers, participated in this study. Data were collected in face-to-face interviews with the adoptees, adoptive parents and teachers using, the ECA, EPA-C and EIACA-T, respectively. Results showed that, in most cases, adoption had been disclosed with the school staff, since parents and some children discussed the topic with the teacher. However, most children and parents reported that the teacher did not address the issue of adoption in class, nor had adjusted pedagogical practices. The three informants revealed that in addition to the teachers, most of the child's classmates were also aware of the adoption. The findings of this study showed that, in spite of adoption disclosure in school, the family adoption communication is still closed, since parents and adoptees seemed to talk about adoption to the teacher but did not share to each other what they had told to him/her.

Key words: school, adoption openness, social disclosure, multi-informants, adoption communication

Introdução

A adoção e a constituição de uma família através da adoção têm associadas muitas recompensas/ganhos, mas também muitos desafios e tarefas únicas com as quais a família terá de lidar, e que terão influência no funcionamento familiar e ajustamento de todos os envolvidos. Uma destas tarefas relaciona-se com a capacidade da família em gerir e comunicar abertamente sobre a adoção, dentro e fora da família (Brodzinsky, 2005).

A comunicação sobre a adoção é um processo gradual, que ocorre ao longo de todo o ciclo de vida da família adotiva, sendo reforçado pela constante interação pais-filhos (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016). Famílias com padrões de comunicação sobre a adoção mais abertos têm sido associadas a maior satisfação quanto à adoção e ao estatuto de adotado (Howe & Feast, 2003), maior autoestima e menor incidência de problemas emocionais e comportamentais nos adotados (Brodzinsky, 2006; Soares, Barbosa-Ducharme, Palacios, & Pacheco, 2017). Além disso, este processo tem sido identificado como um fator que contribui para o sucesso da adoção (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2005).

Segundo Brodzinsky (2005), a abertura na comunicação sobre a adoção é um conceito amplo que inclui, para além da transmissão/troca de informação sobre a adoção/passado da criança, a experiência de sintonia afetiva, partilha e o apoio emocional em relação à adoção (Brodzinsky, 2006). Soares, Barbosa-Ducharme, Palacios, e Pacheco (2017) verificaram que uma comunicação sobre adoção emocionalmente positiva e maior satisfação parental com a mesma predizem menor labilidade emocional na criança adotada. Contudo, o estudo de Martins (2017) revelou, em algumas destas famílias, falta de sintonia afetiva entre pais e filhos na comunicação sobre a adoção, com pouca partilha dos sentimentos pessoais e dos significados individuais atribuídos à adoção.

Uma comunicação aberta sobre adoção inclui também a abertura da adoção ao exterior, bem como a partilha entre pais e filhos do que pais e filhos falam sobre a adoção, fora do contexto familiar. Embora menos estudos se tenham debruçado sobre esta questão, as dificuldades de comunicação sobre a adoção, observadas dentro das famílias, podem influenciar a revelação da adoção ao exterior (Palacios, 2009), ainda que, de acordo com Weir (2001), uma comunicação aberta no contexto familiar não seja condição para a existência de revelação social e comunicação sobre a adoção fora da família.

A abertura da adoção à sociedade – partilha da adoção com indivíduos exteriores à família, mas que se relacionam com esta (Weir, 2001) – pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva relativamente à adoção. A escola constitui um contexto privilegiado de desenvolvimento da criança e pode desempenhar um papel importante na aceitação social da criança adotada. Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, e Fonseca (2017) verificaram que uma comunicação aberta sobre a adoção, tanto dentro como fora da família, é crucial para uma vivência positiva do estatuto de adotado no contexto escolar. Além disto, uma maior abertura família-escola poderá estimular o papel do professor enquanto facilitador da integração das crianças adotadas e da promoção da sua aceitação pelos pares (Meese, 2012).

De acordo com Goldberg, Black, Sweeney, e Moyer (2017), a partilha da adoção com o professor permite que este esteja mais sensível ao tema e passe a adequar as suas práticas pedagógicas. Todavia, Taymans e colaboradores (2008) e Da Silva (2014) constatarem que apenas 34% e 44%, respetivamente, dos professores realizaram alterações nas práticas pedagógicas, devido à presença de crianças adotadas. De acordo com Barratt (2011), o facto de os professores não integrarem a temática da adoção na sala de aula pode desenvolver na criança adotada sentimentos de isolamento e, ainda, prejudicar a relação com o professor.

A pouca sensibilidade dos professores para a temática pode dever-se, tal como referido por Goldberg e colaboradores (2017), à falta de conhecimentos sobre o tema, e não a posturas estigmatizantes. Estes dados internacionais corroboram um estudo nacional (Silva, 2014) que mostrou que os professores do primeiro ciclo sabiam muito pouco sobre adoção, não estando mais informados, educados ou formados para o tema que o cidadão comum. Esta evidência empírica ressalta a necessidade de os professores serem formados acerca do que é a adoção e quais são as necessidades das crianças com passado de adversidade, principalmente porque são eles os educadores de outras crianças (Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, & Fonseca, 2017).

De acordo com Silva (2014), a abertura da adoção na escola não é apenas a revelação social da mesma, ou seja, um processo unidirecional no qual a criança e/ou os pais contam e o professor se limita a ouvir. Pelo contrário, deve tratar-se de um processo bidirecional, em que o professor esteja disposto a ouvir o que os pais e/ou a criança têm para contar. Deste modo, o professor deve ser ativo na busca de informação, sem ser invasivo, para que seja possível a existência de um diálogo aberto com os adotantes e as crianças, no sentido destas se sentirem compreendidas, bem como disponíveis para

partilhar mais informações acerca da sua história de adoção (Donalds, 2012; Meese, 2012; Silva, 2014).

No âmbito do processo de abertura da adoção ao exterior, Goffman (1963, 1967) considerou que a postura dos adotantes dependerá da sua perceção relativamente à reacção dos outros: se percecionarem aceitação social haverá uma propensão para revelarem o seu estatuto de família adotiva; se percecionarem rejeição irão optar por ocultar a informação, como estratégia de defesa. Na perspectiva de Kirk (1964) e Miall (1987, 1989), a comunicação da adoção é um processo binário e dicotómico. Kirk (1964) considerou que os pais que adotam um padrão de rejeição das diferenças entre parentalidade adotiva e biológica terão maior dificuldade em revelar socialmente a adoção. Em contrapartida, se seguirem um padrão de reconhecimento das diferenças terão maior facilidade em comunicar abertamente com o exterior. Por sua vez, Miall (1987, 1989) defendeu que as mães adotivas podem ocultar a adoção, resultado da preocupação com o estigma social e da dificuldade em assumir a sua infertilidade; ou revelar o seu estatuto de adotantes, devido às diferenças físicas entre pais e filhos e ao facto de quererem ser abertas e verdadeiras sobre o seu estatuto. Assim, Miall (1989) categorizou dicotomicamente as estratégias de revelação social, como terapêuticas (forma de os pais adotivos obterem alívio pessoal) *versus* preventivas (prevenir a futura vergonha social).

Weir (2001) defendeu que este processo é mais multidimensional e complexo, do que havia sido previamente descrito na literatura. O autor argumenta a existência de três principais tipos de padrões de pais adotivos quanto à abertura da adoção ao exterior: os defensores/advogados, os moderados e os relutantes. Os pais defensores possuem um elevado grau de abertura, para além da sua esfera social, e são ativistas em relação às questões da adoção. Os pais moderados diferenciam-se dos anteriores, na medida em que o seu nível de ativismo, envolvimento e abertura é menor, e apenas no seu nicho social. Os relutantes diferenciam-se dos outros dois padrões, raramente revelando o seu estatuto de família adotiva na comunidade (Weir, 2001).

Relativamente à abertura da adoção na escola, por parte dos pais, existe muito pouca investigação, sendo os estudos de Da Silva (2014) e de Goldberg et al. (2017) exceções. Da Silva (2014) constatou que, de acordo com 91% dos pais e 92% dos professores do 1º ciclo, a abertura da adoção à escola foi realizada sobretudo pelos pais. Estes, para além de revelarem a adoção, forneceram mais informações (e.g., detalhes da história da criança, antecedentes da família biológica, ...), mas 50% não contou aos filhos que o fizeram. Segundo Goldberg et al. (2017), 83% dos pais revelaram o seu estatuto de

família adotiva no Jardim Infantil dos filhos, numa tentativa de serem honestos, de reduzir os maus tratos pelos pares e as possibilidades de indiferença do professor, assim como da adoção ser abordada com maior sensibilidade neste contexto.

Quanto à revelação/comunicação da adoção na escola/ao professor, por parte da própria criança adotada, Barbosa-Ducharne, Soares, Ferreira, e Barroso (2015) constataram que a maior parte dos adotados de idade escolar não costumavam falar sobre a adoção nesse contexto. De acordo com Hawkins et al. (2007) menos de 2% das crianças conversaram com os professores acerca do seu estatuto. Em contrapartida, Da Silva (2014) verificou que 68% dos pais e 56% dos professores referiram que as crianças contaram na escola que foram adotadas. O estudo retrospectivo de Donalds (2012), realizado com adultos adotados, constatou que 69% dos participantes disseram ter revelado a adoção aos professores, quando eram crianças. Estes relataram falta de compreensão social acerca das suas necessidades individuais/específicas, rotulagem social como diferentes devido à pertença a um sistema familiar adotivo, e descreveram terem sido alvo de comentários depreciativos por parte dos professores (Donalds, 2012).

No que concerne à revelação/comunicação da adoção aos pares, por parte da própria criança adotada, Barbosa-Ducharne et al. (2015) observaram que as crianças adotadas participantes no seu estudo não revelavam esse estatuto aos pares, e Neil (2012) reportou uma certa relutância das crianças adotadas em revelar a adoção aos pares. As crianças que o fizeram foram alvo de alguns comentários e questões que levaram a que se sentissem desconfortáveis (Neil, 2012). Segundo Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, e Fonseca (2017), as reações negativas por parte dos pares, desencadeiam maior desconforto na comunicação sobre a adoção e na experiência de ser adotado. Ao contrário dos estudos anteriores, Hawkins e colaboradores (2007) verificaram que, depois dos pais, os pares eram com quem as crianças adotadas mais conversavam sobre o seu estatuto. Donalds (2012) reportou que 95% dos adotados revelaram a sua adoção aos pares, e Da Silva (2014) indicou que 86% dos pais e 48% dos professores afirmaram que a criança conversou sobre o seu estatuto com os colegas de turma.

1. O Presente Estudo

Apesar do reconhecimento da importância da revelação e comunicação/abertura da adoção no contexto escolar, para uma vivência positiva do estatuto de adotado (Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, & Fonseca, 2017), bem como para o professor adequar as

suas práticas educativas (Goldberg et al., 2017), a abertura família-escola quanto à adoção tem sido alvo de pouco estudo na investigação nesta área. Deste modo, este estudo pretende contribuir para o alargamento da evidência científica sobre este tema, explorando-o através de uma abordagem multi-informantes junto de crianças, pais e professores.

Trata-se de um estudo exploratório e tem como objetivos específicos: a) caracterizar a abertura da adoção à escola, segundo a perspetiva da criança, dos pais e do professor, considerando: se houve ou não revelação da adoção ao professor e aos colegas na escola, quem revelou e o que foi revelado; b) analisar as semelhanças *versus* discordâncias entre os três informantes, em relação à abertura da adoção à escola; c) explorar o conforto de pais e filhos na comunicação sobre a adoção na escola; d) estudar relações entre a abertura da adoção, e variáveis de caracterização sociodemográfica das crianças, dos pais e dos professores e variáveis do passado da criança.

Estudo Empírico

1. Método

1.1. Participantes

Numa abordagem multi-informantes, participaram neste estudo: a própria criança adotada, uma das figuras parentais (pai ou mãe) e o professor principal. No total, o presente estudo tem 240 participantes: 80 crianças, 80 figuras parentais e 80 professores.

Crianças. Das 80 crianças adotadas participantes com idade entre 8 e 10 anos ($M = 8.69$, $DP = 0.74$), 45 (56.3%) eram rapazes e 35 (43.8%) raparigas. Quanto à escolaridade, 10 (12.5%) frequentavam o 2ºano, 41 (51.3%) o 3ºano e 29 (36.3%) o 4ºano de ensino. A adoção ocorreu quando as crianças tinham, em média, 3.55 anos de idade ($DP = 2.23$, $Min = 0.30$, $Máx. = 8.00$), estando adotadas, em média, há 5.14 anos ($DP = 2.12$, $Min = 1.00$, $Máx. = 9.30$). Previamente à adoção, na família biológica, 33 (41.3%) experienciaram negligência, seis (7.5%) foram alvo de abandono e cinco (6.3%) sofreram maus-tratos. Vinte e cinco crianças (31.3%) não tiveram experiências com a família biológica e para 11 (13.8%) esta informação era desconhecida. Estas crianças estiveram, em média, 16.41 meses na família biológica ($DP = 19.52$, $Min = 0.00$, $Máx. = 75.00$) e 26.43 meses em acolhimento ($DP = 15.22$, $Min = 2.00$, $Máx. = 66.00$), sendo que 73 (91.3%) estiveram institucionalizadas e apenas sete (8.8%) viveram numa família de acolhimento. A maioria das crianças passou por três contextos de desenvolvimento até serem adotadas ($M = 2.86$, $DP = 0.73$, $Min = 2.00$, $Máx. = 5.00$).

Pais. Participaram neste estudo 80 figuras parentais, das quais 60 (75.0%) eram mães e 20 (25.0%) eram pais. As figuras parentais tinham, em média, 45.36 anos de idade ($DP = 4.61$, $Min = 35.00$, $Máx. = 59.00$), não havendo diferenças estatisticamente significativas entre mães e pais, $t(78) = 0.67$, ns . Em termos de escolaridade, os participantes tinham, em média, 13.16 anos de estudo ($DP = 4.56$, $Min = 4$, $Máx. = 23$), sem diferenças entre mães e pais, $t(78) = 0.92$, ns . Estas figuras parentais faziam parte de 80 famílias adotivas, 71 biparentais (88.8%) e nove monoparentais (11.2%; mães solteiras).

Professores. Dos 80 professores participantes, 58 eram do sexo feminino (72.5%) e 22 do sexo masculino (27.5%) e tinham, em média, 44.71 anos de idade ($DP = 8.28$, $Min = 30$, $Máx. = 62$), não havendo diferenças significativas na idade dos professores associadas ao sexo, $t(75) = 0.50$, ns . Tinham, em média, 21.14 anos ($DP = 8.51$, $Min = 7$, $Máx. = 40$)

de experiência profissional, não se observando também diferenças entre professores e professoras, $t(75) = 0.71$, *ns*. Estes professores tinham como alunos as crianças-alvo, em média, há 2.53 anos ($DP = 1.18$, $Min = 0.67$ $Máx. = 4.00$).

1.2. Instrumentos e Medidas

Entrevista a Crianças sobre Adoção (ECA; Barbosa-Ducharne & Soares, 2012a). A ECA é uma entrevista semiestruturada que tem como objetivo obter informação sobre o significado e a vivência do processo de adoção pela criança. Este estudo focou-se na análise das respostas à secção da abertura da adoção ao exterior (secção C), que é constituída por 43 questões, incluindo questões de resposta dicotómica sim/não (e.g., “Alguma vez a tua professora falou sobre a adoção e sobre o que é a adoção na sala de aula?”), e questões abertas (e.g., “Disseste aos teus pais que contaste isto ao(à) teu/tua professor(a)? Porquê?”).

Entrevista sobre o Processo de Adoção – Versão Crianças (EPA-C; Barbosa-Ducharne & Soares, 2012b). Esta entrevista semiestruturada é direccionada para pais adotivos e pretende recolher informação relativamente a todo o processo de adoção. A secção relativa à abertura da adoção ao exterior (secção I) foi alvo de estudo nesta dissertação. Constituída por 35 questões, integra questões de resposta dicotómica sim/não (e.g., “O(a) professor(a) do(a) seu/sua filho(a) sabe que ele(a) é adotado?”), de escala tipo *Likert* de 7 pontos (e.g., “Em que medida se considera aberto quanto à adoção, com o exterior.”; 1 = *totalmente fechada*, 7 = *totalmente aberta*) e questões abertas (e.g., “Quem contou ao(à) professor(a)/Como soube o professor?”).

Escala de Ideias Sobre Adoção e Crianças Adotadas – Teachers (EIACA-T; Barbosa-Ducharne & Soares, 2012c). O EIACA-T é um questionário de autorresposta dirigido a professores, constituído por três partes. Neste estudo, apenas a primeira parte, que incide na abertura da adoção, na informação que o professor dispõe sobre a criança adotada (que tem atualmente), na comunicação da adoção entre a família (pais e criança) e o professor, e na adoção, por parte deste, de procedimentos educativos específicos, devido à presença de uma criança adotada na sala de aula, será alvo de exploração. Esta é constituída por nove questões, avaliadas através de questões de escala tipo *Likert* de 7 pontos (e.g., “Tendo em conta a informação partilhada entre família-escola, relativamente à adoção, quanto aberta considera que foi a comunicação sobre a adoção da família com a escola.”; 1 = *totalmente fechada*, 7 = *totalmente aberta*) e questões de múltipla resposta (e.g., “Como soube que a criança era adotada?: porque os pais lhe contaram; a criança contou; estava escrito na ficha ou processo da criança; por outras razões”).

1.3. Procedimentos

Seleção da amostra. No âmbito do protocolo de colaboração entre a FPCEUP e o ISS, IP, esta entidade estabeleceu o primeiro contacto com as famílias adotivas que cumpriam os critérios definidos para o estudo: crianças entre os 8 e os 10 anos de idade e que estavam na família adotiva há pelo menos um ano. A amostra do presente estudo ($N = 80$) representa 48% das famílias adotivas que correspondiam aos critérios de seleção da amostra, no distrito do Porto.

Recolha de dados. A recolha de dados foi realizada em dois contextos, na família, onde participaram a criança e uma das figuras parentais, e na escola onde participou o professor. Os pais assinaram uma declaração de consentimento informado, declarando a sua participação voluntária no estudo, bem como a autorização para participação dos seus filhos. As crianças foram também questionadas sobre a sua vontade, ou não, em participar. Enquanto os pais eram entrevistados através da EPA-C, com uma duração média de 136.39 minutos ($DP = 32.77$, $Min = 87.00$, $Máx. = 250.00$), a criança respondia à ECA, que teve uma duração média de 78.81 minutos ($DP = 27.27$, $Min = 44.00$, $Máx. = 195.00$),

No contexto escolar, os professores responderam ao EIACA-T no âmbito de um estudo mais alargado sobre conhecimentos e crenças/ideias dos professores em relação à adoção e às crianças adotadas. A cada professor foi solicitada a assinatura do consentimento informado e garantido o anonimato do questionário. O questionário tem uma duração média de aplicação de 15 minutos.

Análise de dados. Os dados foram analisados de forma quantitativa no programa IBM *SPSS Statistics* para Windows, Versão 25. A normalidade univariada das variáveis em estudo foi confirmada através do critério da assimetria ($< |3|$) e da curtose ($< |8|$), estabelecido por Kline (2011) e também não foram encontrados *outliers* extremos. Este estudo é, essencialmente, descritivo e comparativo. Recorreu-se à estatística descritiva univariada, para apresentar a perspetiva da criança, dos pais e do professor acerca da revelação/comunicação da adoção na escola. Em certas situações recorreu-se à apresentação gráfica dos dados. As relações entre variáveis métricas foram exploradas com recurso a correlação bivariadas de *Pearson*, e as associações entre variáveis nominais foram estudadas através do Qui-quadrado. Para explorar diferenças de médias estatisticamente significativas foram usados testes t de *Student* para amostras independentes. Algumas médias foram comparadas por meio de testes t para amostras emparelhadas.

2. Resultados

Os resultados deste estudo apresentam a perspectiva da criança, dos pais e do professor acerca de como a adoção foi revelada na escola, como é a comunicação família-escola sobre a adoção e como foi tratado o tema da adoção no contexto escolar. Sempre que possível, serão comparadas duas ou as três perspectivas.

2.1. Revelação da Adoção ao Professor

O professor sabia que a criança era adotada?. Dos 80 professores das crianças em estudo, apenas um (1.3%) não identificou como tendo na sua sala uma criança adotada. Relativamente às figuras parentais, duas (2.5%) afirmaram o desconhecimento do professor, enquanto 17 crianças (21.3%) consideraram que o seu professor não tinha conhecimento da adoção. Não se observaram diferenças estatisticamente significativas, em nenhuma das variáveis de caracterização dos participantes, ou do passado das crianças, entre as crianças que dizem que o professor tem conhecimento da adoção e as que dizem que não.

Ao analisar a concordância *versus* discordância em cada tríade (criança-figura parental-professor) observou-se acordo entre os três informantes para 64 casos (80.0%; um deles corresponde ao caso cujo professor não identificou criança adotada – pais e criança afirmaram também que o professor não tinha conhecimento da adoção) e acordo entre apenas dois dos informantes em 16 tríades (20.0%). Nestas últimas, em um caso (1.3%), criança e pais estavam em acordo ao afirmar que o professor não saberia da adoção, mas o professor afirmou ter conhecimento desse facto (informação obtida por terceiros), e em 15 tríades (18.8%) a resposta da criança não foi coerente com a resposta de pais e professores.

Quem contou ao professor?. Na perspectiva das crianças ($n = 63$), o professor teve conhecimento deste estatuto através dos pais ($n = 34$, 54.0%), das próprias crianças ($n = 20$, 31.7%), dos pais e das crianças ($n = 7$, 11.1%) e dos colegas da criança ($n = 1$, 1.6%). Uma criança (1.6%) não sabia quem contou ao professor. Segundo os pais ($n = 78$), o professor soube através deles próprios ($n = 69$, 88.5%), da criança ($n = 4$, 5.1%), de outros professores/educadores ($n = 2$, 2.6%), das técnicas do serviço de adoções ($n = 2$, 2.6%) e dos colegas da criança ($n = 1$, 1.3%). Segundo os professores ($n = 76$ [3 ausências de resposta]), 48 (63.1%) referiram ter sabido da adoção pelos pais, 17 (22.4%) pelos pais e criança, oito (10.5%) por terceiros e três (3.9%) pela própria criança.

Das crianças que transmitiram informação sobre a adoção ao professor ($n = 24$ [3 ausências de resposta]), 14 (58.3%) disseram que contaram aos pais que o tinham feito e 10 (41.7%) afirmaram que não. Contudo, como visto anteriormente, apenas quatro figuras parentais referiram que a criança contou ao professor que era adotada. As crianças que partilharam com os pais esta revelação estiveram significativamente menos tempo em acolhimento ($M = 16.86$, $DP = 12.28$), $t(22) = -3.28$, $p = .003$, $d = -1.39$, IC a 95% [-24.71, -5.57], foram adotadas mais cedo ($M = 1.95$, $DP = 1.89$), $t(22) = -3.00$, $p = .007$, $d = -1.26$, IC a 95% [-3.80, -0.69] e estão adotadas há mais tempo ($M = 6.76$, $DP = 1.76$), $t(22) = 3.86$, $p = .001$, $d = 1.62$, IC a 95% [1.23, 4.09], do que as crianças que não contaram aos pais ($M = 32.00$, $DP = 9.26$; $M = 4.20$, $DP = 1.69$; $M = 4.10$, $DP = 1.51$; respetivamente).

Dos pais que transmitiram informação sobre a adoção ao professor ($n = 69$), 54 (78.3%) afirmaram que partilharam com os filhos que contaram ao professor. Ao confrontar com as respostas dos filhos verificou-se que: 33 dizem que foram, de facto, os pais a revelar a adoção; 13 dizem que foram eles mesmos, sem fazer referência aos pais; e oito dizem que o professor não tem conhecimento da adoção. Por outro lado, 15 (21.7%) figuras parentais referiram que não deram a conhecer aos filhos esta revelação. Ao analisar as respostas destas 15 crianças verificou-se que seis efetivamente não tinham conhecimento que o professor sabia, quatro sabiam que tinham sido os pais a contar, ainda que estes não lhes tivessem dito, três consideraram que foram elas a revelar ao professor e duas que foram terceiros a contar-lhes. Sessenta e cinco pais (94.2%) referiram que não tiveram dúvidas, hesitações ou algum receio em revelar a adoção ao professor, e apenas quatro pais (5.8%) tiveram dúvidas.

A análise por tríades ($n = 61$) permitiu identificar 37 casos (60.7%) em que os três informantes estavam em acordo, relativamente a quem contou ao professor. Quanto à congruência, entre dois informantes, na maioria estavam de acordo pais e professores (criança em desacordo; $n = 9$, 14.8%); seguidos dos professores que estavam de acordo com os pais e a criança, pois mencionaram ter recebido informação por ambos (criança e pais estavam em desacordo, por considerarem que apenas um deles transmitiu informação; $n = 8$, 13.1%); das crianças e pais (professores em desacordo; $n = 2$, 3.3%). Em quatro tríades (6.6%) os três informantes estavam em desacordo quanto a quem revelou a adoção ao professor. As incongruências, entre dois informantes, verificaram-se nos pais e professores ($n = 1$, 1.6% - criança em acordo com a figura parental e professor).

O que contaram: os pais. Apesar de terem conhecimento que o professor sabia da adoção, e que esta lhes foi revelada pelos pais ($n = 41$), 17 (41.5%) crianças desconheciam que outra informação foi transmitida. A Figura 1 apresenta a perspetiva dos três informantes

acerca do tipo de informação sobre a adoção a que os professores tiveram acesso, através dos pais. Os professores referem ter recebido mais informação do que dizem as crianças e os próprios pais. Informações sobre a história prévia da criança e sobre a forma como a criança se integrou na família adotiva são mais frequentemente cedidas, do que informações sobre os motivos de adoção ou sobre os antecedentes da família biológica.

-Figura 1-

A Figura 2 apresenta um gráfico com a análise da concordância *versus* discordância entre as tríades ($n = 64$), no que concerne à informação que os professores tiveram pelos pais. Os dados evidenciaram maior percentagem de acordo entre os três informantes nos motivos da adoção ($n = 12$, 18.8%) (excluindo o outro tipo de informação) e menor acordo no fornecimento de informação acerca da integração na família adotiva ($n = 7$, 10.9%). Observou-se também que as maiores percentagens, ao longo de todas as informações, se observaram no acordo entre pais e professores.

-Figura 2-

O que contaram: as crianças. A Figura 3 apresenta a perspetiva dos três informantes acerca do tipo de informação a que os professores tiveram acesso, através das crianças. Verificou-se que uma elevada percentagem de crianças que afirmou ter contado ao professor detalhes sobre a sua história prévia, porém estes não relataram esse facto; as crianças dizem não ter contado os motivos da adoção ao professor, apesar de alguns pais e professores afirmarem que sim; os pais consideraram que as crianças não partilharam informação sobre os antecedentes da família biológica, ao contrário dos professores e das próprias crianças; mais pais e professores dizem que as crianças partilharam informação sobre a sua integração, do que elas mesmas relataram.

-Figura 3-

A Figura 4 apresenta as percentagens de acordo/desacordo entre os três informantes, quanto ao tipo de informação sobre a adoção partilhado pela criança ($n = 12$). Os dados demonstraram maior acordo entre os três informantes na história prévia e motivos da adoção ($n = 3$, 25%) (excluindo o outro tipo de informação) e menor acordo na informação sobre os antecedentes da família biológica ($n = 1$, 8.3%). As percentagens mais elevadas, ao longo de todas as informações, observaram-se no acordo entre crianças e professores.

-Figura 4-

Reação do professor à adoção/criança adotada. Dentro das crianças que afirmaram que o professor sabia da adoção ($n = 63$), a grande maioria ($n = 59$, 93.7%) não sentiu que o professor a tratasse de forma diferente por ser adotada. Quando questionados

os pais ($n = 78$), a grande maioria ($n = 67$, 85.9%), mas menor percentagem que nas crianças, considerou que os seus filhos não eram tratados de forma diferente pelo professor. Na análise por díades ($n = 63$) constatou-se acordo em 51 casos (81%) e desacordo em 12 (19%).

Questionando os professores ($n = 79$ [1 ausência de resposta]) se alguma vez perceberam comportamentos na criança que associassem ao facto de ela ter sido adotada, ou ter tido uma história de adversidade precoce, 28 professores (35.4%) afirmaram que sim e 51 (64.6%) que não. Constatou-se que as crianças que os professores afirmaram que sim, viveram significativamente mais tempo com a sua família biológica, $t(77) = 2.14$, $p = .036$, $d = 0.48$, IC a 95% [0.66, 18.59], foram adotadas mais tarde, $t(77) = 2.26$, $p = .026$, $d = 0.53$, IC a 95% [0.14, 2.18], e estavam na família adotiva há menos tempo, $t(77) = -2.42$, $p = .018$, $d = -0.57$, IC a 95% [-2.12, -0.21].

2.2. Revelação da Adoção aos Colegas de Turma

Os colegas sabiam que a criança era adotada?. Sessenta e uma crianças (76.3%), 68 pais (85.0%) e 58 professores (78.4% [seis ausências de resposta]) referiram que sim. Na análise por tríades identificaram-se 46 (57.5%) em que os três informantes estavam em acordo quanto aos colegas terem conhecimento da adoção. A congruência entre dois informantes ocorreu nas crianças e pais (professor em desacordo; $n = 15$, 18.8%); pais e professores (criança em desacordo; $n = 12$, 15.0%); e crianças e professores (pais em desacordo; $n = 7$, 8.8%). Não se observaram diferenças estatisticamente significativas nas crianças que revelaram *versus* não revelaram a adoção aos colegas, em nenhuma das variáveis de caracterização dos três tipos de participantes ou nas variáveis do passado da criança.

Quem contou aos colegas?. Cinquenta e uma crianças (83.6%) e 52 pais (76.5%) afirmaram que os colegas souberam através da própria criança. Na análise por díades (criança-figura parental; $n = 54$) identificaram-se 44 díades (81.5%) em acordo e 10 (18.5%) em desacordo. Trinta e uma (60.8%) crianças e 46 (85.2%) pais afirmaram que as crianças contaram aos próprios pais que transmitiram informações sobre a adoção aos colegas. Em contrapartida, 20 (39.2%) crianças e oito (14.8%) pais afirmaram que as crianças não contaram aos pais.

O que contaram: as crianças. A Figura 5 apresenta a perspetiva dos pais e das crianças acerca da informação a que os colegas tiveram acesso, através das próprias crianças. Perante a análise global do gráfico é possível observar que, segundo a perspetiva das crianças, estas partilharam mais informações, do que aquilo que é relatado pelos pais. É

possível concluir que, tanto na perspectiva da própria criança como na dos pais, as informações sobre a história prévia da criança e sobre os antecedentes da família biológica são mais frequentemente cedidas, do que as informações sobre os motivos de adoção ou sobre a integração na família adotiva.

-Figura 5-

A Figura 6 apresenta as percentagens de acordo/desacordo entre pais e filhos, observando-se maior concordância no fornecimento de informação dos motivos da adoção ($n = 39, 92.9\%$) e menor concordância nos detalhes da história prévia ($n = 26, 66.7\%$).

-Figura 6-

2.3. Abordagem do Tema da Adoção na Sala de Aula e Adaptação de Práticas por Parte do Professor

De acordo com 37 crianças (46.3%), o tema da adoção (em geral) foi abordado pelo professor na sala de aula. Das 43 crianças (53.8%) que afirmaram que o tema não foi abordado, 35 (oito ausências de resposta) pronunciaram-se quanto à desejabilidade que tal acontecesse, sendo que 19 (54.3%) afirmaram que gostavam que o professor abordasse o tema da adoção na turma, enquanto as restantes ($n = 16, 45.7\%$) preferiram que tal não acontecesse. Estas últimas são alunas do professor há significativamente mais tempo ($M = 2.93, DP = 1.07$) do que as crianças que gostavam que o professor abordasse o tema ($M = 1.94, DP = 1.18$), $t(28) = 2.39, p = .024, d = 0.88$, IC a 95% [0.14, 1.84]. Trinta e cinco pais (43.8%) disseram ter conhecimento de que o tema foi abordado pelo professor. Nove pais não sabiam se este tinha sido, ou não, um tema explorado e 36 (45.0%) afirmaram que este tema não foi abordado. Destes últimos ($n = 36$), 24 figuras parentais (66.7%) referiram que gostavam que o professor falasse no assunto, oito (22.2%) disseram que preferiam que o tema não fosse abordado em sala de aula, para duas (5.6%) era indiferente e outras duas (5.6%) tinham dúvidas. Quanto ao acordo/desacordo entre pais-filhos, 46 (57.5%) apresentaram acordo e 34 (42.5%) desacordo nesta questão.

Vinte e quatro professores (30.0%) mencionaram terem tido reuniões ou momentos de encontro com os pais de modo diferente do que têm com pais de alunos não adotados, todavia a maioria ($n = 56, 70.0\%$) não o fez. Vinte e nove professores (36.7%) adequaram a apresentação de algum tópico, para integrar melhor a diferença associada à adoção e 50 (63.3%) não o fizeram. Apenas uma minoria ($n = 18, 22.5\%$) recorreu ao apoio de alguma fonte de informação específica ou profissional, comparativamente com 62 professores (77.5%) em que isso não foi feito. Catorze (17.5%) organizaram um momento específico na

sala de aula, em que a criança e/ou a família intervieram para dar a conhecer o que era a adoção, embora 66 professores (82.5%) não tenham proporcionado esse momento.

2.4. Conforto de Pais e Crianças em Falar sobre a Adoção na Escola

Crianças. Relativamente à questão de com quem, fora da família nuclear, a criança se sentia completamente à vontade para falar sobre a adoção, várias referiram que não tinham ninguém com quem se sentissem à vontade ($n = 27$, 33.8%). Doze crianças (15.0%) mencionaram os amigos, três (3.8%) os amigos e o professor e apenas uma criança referiu o professor (1.3%).

Pais. Os pais dizem sentir-se altamente confortáveis em falar sobre a adoção com o exterior ($M = 6.54$, $DP = 1.10$, $Min = 2$, $Máx. = 7$), e embora considerem que os seus filhos também falam confortavelmente sobre o tema fora da família ($M = 5.19$, $DP = 1.94$, $Min = 1$, $Máx. = 7$), as diferenças são estatisticamente significativas, $t(79) = 6.37$, $p < .001$, $d = 0.86$, IC a 95% [0.93, 1.77].

2.5. Abertura Sobre a Adoção entre a Família e a Escola

Perceção da abertura por pais e professores. Os pais consideraram que existe uma grande abertura sobre a adoção entre família e escola ($M = 6.48$, $DP = 1.03$, $Min = 3$, $Máx. = 7$), sendo a sua perceção significativamente superior à perceção dos professores relativamente ao mesmo facto ($M = 5.04$, $DP = 1.87$, $Min = 1$, $Máx. = 7$), $t(72) = 5.98$, $p < .001$, $d = 0.91$, IC a 95% [0.92, 1.85].

3. Discussão

O presente estudo exploratório tinha como objetivo avaliar e comparar as perspetivas de crianças, pais e professores quanto à abertura da adoção na escola. Os resultados gerais indicaram que, na maior parte dos casos, os três informantes referiram que a escola tinha conhecimento da adoção. Contudo, existiam ainda algumas crianças que não sabiam que o professor tinha conhecimento da sua adoção. Este desconhecimento inviabiliza um diálogo aberto com o professor, essencial para a criança adotada se sentir compreendida e disponível para partilhar mais informações acerca da sua história de adoção (Donalds, 2012; Meese, 2012; Silva, 2014). Tal como comprovado por investigação anterior, a comunicação aberta

sobre a adoção, na família e com o exterior, é crucial para uma vivência positiva do estatuto de adotado na escola (Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, & Fonseca, 2017).

A revelação da adoção ao professor, de acordo com os três informantes, foi realizada, sobretudo pelos pais, à semelhança do observado em estudos anteriores (e.g., Da Silva, 2014; Goldberg et al., 2017). Os resultados, segundo os três informantes, mostraram que grande parte dos pais não se limitaram a revelar a adoção, e forneceram informações sobre a história prévia da criança e sobre a forma como a criança se integrou na família adotiva. Os motivos da adoção e os antecedentes da família biológica da criança são informações menos partilhadas, possivelmente pois estão mais relacionadas com os adultos (pais adotivos e biológicos) e não com a criança. Resultados semelhantes haviam sido encontrados por Da Silva (2014). Fazendo uma analogia com a tipologia de pais identificada por Weir (2001), apenas uma minoria dos pais participantes podem ser considerados como “relutantes”, uma vez que não revelaram a adoção na escola.

Segundo os três informantes, quase metade das crianças revelaram a adoção ao professor, o que contraria os resultados de Barbosa-Ducharne e colaboradores (2015) em que grande parte dos adotados não revelaram a adoção no contexto escolar. Esta divergência de resultados, possivelmente está relacionada com o facto da investigação de Barbosa-Ducharne et al. (2015) incluir participantes do pré-escolar à adolescência, pois os adolescentes devido à desvalorização da relação com o professor e à necessidade de inserção num grupo teriam maior dificuldade na abertura da adoção ao exterior.

Os resultados, segundo os três informantes, demonstraram que, tal como os pais, as crianças também não se limitavam a revelar a adoção, o que vai de encontro ao constatado por Da Silva (2014). Deste modo, as próprias crianças referem ter fornecido mais informações sobre a sua história prévia e os antecedentes na família biológica (possivelmente, porque os pais adotivos lhe forneceram algumas informações) e menos sobre a integração na família adotiva (possivelmente por não terem recordações desse momento). As crianças afirmaram não terem fornecido informações sobre os motivos da adoção, enquanto pais e professores afirmaram que sim. Assim, parecem haver indicadores de que talvez a criança não tenha consciência que alguns aspetos que ela mencionou em conversa com pais e professores sejam entendidos por estes como motivos para a adoção.

A maioria dos pais que transmitiram informação sobre a adoção ao professor disseram que contaram aos filhos, o que contraria os resultados de Da Silva (2014) em que grande parte dos pais não contaram aos filhos. As crianças que transmitiram informação sobre a adoção ao professor referem ter contado aos pais. Porém, ao confrontar as respostas

de pais e filhos constatou-se que estas divergiam. Perante isto pode suspeitar-se que a comunicação no seio da família não era totalmente aberta, havendo pouca sintonia afetiva e partilha de sentimentos pessoais como verificado no estudo de Martins (2017), pois caso esta existisse, possivelmente, pais e filhos teriam partilhado entre si que transmitiram informações sobre a adoção ao professor. As crianças que partilharam com os pais a revelação ao professor estiveram menos tempo em acolhimento, foram adotadas mais cedo e estavam adotadas há mais tempo. Mais tempo de adoção pressupõe mais tempo de vivência/relação pais-filhos, e o estabelecimento de uma relação de vinculação estável e segura, que lhes poderá permitir ter uma comunicação mais aberta sobre a adoção.

Na análise das tríades, quanto a quem contou ao professor, verificou-se que grande parte delas estavam em acordo. Posteriormente, na análise quanto ao que os pais e as crianças contaram observou-se pouca concordância entre as tríades. Relativamente ao que os pais contaram, as tríades pais-professores foram aquelas que registaram maiores acordos em todas as informações fornecidas. Em contrapartida, quando foram as crianças a contar, os maiores acordos ocorreram entre as tríades crianças-professores. Estes resultados permitem deduzir que havia maior abertura das crianças e dos pais com o professor e menor partilha entre crianças e pais daquilo que contaram. Deste modo, parecem, mais uma vez, haver indicadores de que, na maior parte das famílias do estudo, não existia uma comunicação aberta da adoção, visto que esta envolve a partilha entre pais e filhos do que uns e outros falam sobre a adoção com o exterior, bem como a experiência de sintonia afetiva (Brodzinsky, 2006; Palacios, 2009).

Quanto à reação do professor à criança adotada, a maioria das crianças e pais referiu que não sentiram que o professor usasse um tratamento diferencial. Estes resultados não corroboram o estudo de Donalds (2012), em que os adotados revelaram terem sido tratados de forma diferente pelo professor. A abertura família-escola sobre a adoção, as circunstâncias da adoção, do passado da criança e as suas características podem ter contribuído para um maior conhecimento/informação por parte dos professores e, consequentemente, atitudes menos estigmatizantes e diferenciais (Goldberg et al., 2017).

Tal como em Da Silva (2014) constatou-se que alguns dos professores perceberam comportamentos na criança que associaram à adoção ou ao facto de terem tido uma história de adversidade. Nestes casos, as crianças tinham sido adotadas mais tarde e estavam há menos tempo com a família adotiva, o que pressupõe um passado de maior/mais prolongada adversidade, com impacto negativo nas diferentes áreas do desenvolvimento e, consequentemente, no comportamento presente.

Segundo os três informantes, a maioria dos colegas de turma sabiam que a criança era adotada. Na análise da concordância/discordância constatou-se que havia acordo na maior parte das tríades, contudo este acordo era inferior ao constatado na questão se o professor sabia da adoção, possivelmente por o professor ser uma figura central no contexto escolar. De acordo com crianças e pais, os colegas souberam da adoção através da própria criança adotada, corroborando o estudo de Donalds (2012). As crianças referiram que forneceram mais informações de todo o tipo aos colegas, do que aquilo que foi relatado pelos pais. Estes resultados permitem colocar a hipótese de que, entre pais e filhos, não existia uma partilha total das informações que as crianças forneceram aos colegas. Apesar disso, a maioria das crianças e dos pais afirmaram que as crianças contaram aos pais que transmitiram informações sobre a adoção aos colegas. Tal como verificado quando foram as crianças a contar ao professor, estas forneceram menos informações sobre os motivos da adoção e a integração na família adotiva, o que leva a suspeitar, mais uma vez, que as crianças pouco sabem sobre os motivos da adoção e que podem não ter recordações do momento de integração na família adotiva.

Quanto à abordagem do tema da adoção na sala de aula, a maioria das crianças e dos pais referiram que o tema não foi explorado pelo professor, mas uma grande parte deles gostava que fosse. As crianças que eram alunas do professor há mais tempo referiram preferir que o tema não fosse abordado, o que pode revelar que ao longo do tempo e do contacto que tiveram com o professor e/ou os colegas se aperceberam que estes não sabiam lidar com a adoção e que as podiam julgar caso se falasse sobre a mesma. Embora Goldberg e colaboradores (2017) defendam que a abertura da adoção ao professor permite que este adeque as suas práticas pedagógicas, neste estudo verificou-se que menos de metade dos professores o fizeram (e.g., tiveram reuniões com os pais, adequaram a apresentação de algum tópico). Estes resultados corroboram os estudos de Da Silva (2014), Taymans et al. (2008) e podem influenciar a relação com o professor, bem como levar a criança a sentir-se solitária (Barratt, 2011).

No que concerne ao conforto em falar sobre a adoção na escola, várias crianças mencionaram que não se sentiam à vontade com ninguém, o que pode indicar que para algumas crianças ainda é difícil conversar sobre este assunto. Em contrapartida, algumas crianças mencionaram conforto em falar com amigos, à semelhança do que aconteceu no estudo de Hawkins et al. (2007). Provavelmente, os pares colocam também mais questões e demonstram curiosidade sobre o tema. Apenas uma criança mencionou que se sentia à vontade para falar com o professor, podendo deduzir-se que, na maior parte dos casos, não

existe um processo de comunicação bidirecional, que permite que a criança se sinta compreendida e disponível para conversar sobre o processo adotivo (Donalds, 2012; Meese, 2012; Silva, 2014). Segundo a perspetiva dos pais, estes revelaram que tanto eles como os filhos se sentiam confortáveis em falar sobre a adoção. Todavia, constatou-se que na perceção dos pais, as crianças sentiam menos conforto, o que pode dever-se ao facto de terem receio de ser excluídas e alvo de comentários negativos (Neil, 2012; Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, & Fonseca, 2017).

Por fim, os pais e os professores perceberam a comunicação sobre adoção família-escola como muito aberta, tal como constatou Da Silva (2014) no seu estudo. Contudo, verificou-se que os pais possuíam uma maior perceção de abertura, comparativamente aos professores, possivelmente por partilharem com os professores aspetos íntimos do processo adotivo.

4. Conclusão

A nível geral, os resultados indicaram que, segundo os três informantes, existe abertura da adoção à escola, sendo esta realizada maioritariamente pelos pais, embora tenha sido evidente a necessidade de trabalhar em prol de uma maior abertura e melhor diálogo entre família e escola. A presente investigação constitui uma mais-valia para a área da adoção, uma vez que estuda a abertura da adoção à escola segundo a perspetiva de pais, professores e, principalmente das crianças, pois é para ela que a adoção existe. Todavia, apresenta também limitações que se prendem com o facto de os três instrumentos usados na recolha de dados não possuírem as mesmas questões, dificultando a comparação entre os três informantes.

Em suma, este estudo revela a necessidade de os profissionais da área continuarem a acompanhar as famílias no pós-adoção, de modo a auxiliarem no processo de abertura da adoção à escola. Além disso, os profissionais poderiam ajudar as famílias adotivas a perceber que uma comunicação aberta inclui a partilha entre crianças e pais do que, uns e outros falam sobre a adoção. No que concerne aos professores, esta investigação permite depreender a necessidade de estes terem formação especializada sobre a adoção, no sentido de compreenderem melhor as necessidades destas famílias e de adequarem as suas práticas pedagógicas.

Referências

- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2012a). *Entrevista sobre o Processo de Adoção-Versão Crianças (EPA-C)*. Instrumento não publicado. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2012b). *Entrevista a Crianças sobre Adoção (ECA)*. Instrumento não publicado. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2012c). *Escala de Ideias sobre Adoção e Crianças Adotadas – Teachers (EIACA-T)*. Instrumento não publicado. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2016). Process of adoption communication openness in adoptive families: Adopters' perspective. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(9), 1-9. doi:10.1186/s41155-016-0024-x
- Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Ferreira, J., & Barroso, R. (2015). *Adoção: A voz de filhos, pais e avós*. Relatório final do estudo IPA- Investigação sobre o Processo de Adoção. Porto: GIIAA and FPCEUP edition.
- Barratt, S. (2011). Adopted children and education: The experiences of a specialist CAMHS team. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 17, 141–150. doi:10.1177/1359104511403559
- Brodzinsky, D. M. (2005). Reconceptualizing openness in adoption: Implications for theory research and practice. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption: Research and practice* (pp.145-166). Westport, CT: Praeger.
- Brodzinsky, D. M. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(1), 1-18. doi:10.1300/J145v9n04_01
- Da Silva, C. (2014). *Abertura da comunicação sobre adoção no contexto escolar: Experiência, percepções e ideias de pais e professores*. (Tese de mestrado não publicada). FPCEUP, Porto.
- Donalds, E. (2012). *Voices of adoptees: Stories and experiences within schools* (Dissertação de doutoramento não publicada). Retirado de <http://web.b.ebscohost.com/ehost/>
- Goffman, E. (1963). *Stigma*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Goffman, E. (1967). *Interaction ritual*. New York: Pantheon Books.
- Goldberg, A. E., Black, K., Sweeney, K., & Moyer, A. (2017). Lesbian, gay and heterosexual adoptive parents' perceptions of inclusivity and receptiveness in early

- childhood education settings. *Journal of Research in Childhood Education*, 31(1), 141-159. doi:10.1080/02568543.2016.1244136
- Hawkins, A., Beckett, C., Castle, J., Groothues, C., Sonuga-Barke, E., Colvert, E.,... Rutter, M. (2007). The experience of adoption (1): A study of intercountry and domestic adoption from the child's point of view. *Adoption and Fostering*, 31(4), 5-16. doi:10.1177/030857590703100403
- Howe, D., & Feast, J. (2003). *Adoption, search and reunion: The long-term experience of adopted adults*. London: BAAF.
- Kirk, H. D. (1964). *Shared fate: A theory of adoption and mental health*. Toronto: Collier-Macmillan.
- Kline, B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Martins, M. (2017). *Comunicação diádica sobre a adoção: Perspetivas dos pais e dos filhos*. (Tese de mestrado não publicada). FPCEUP, Porto.
- Meese, R. L. (2012). Modern family: Adoption and foster care in children's literature. *Reading Teacher*, 66, 129-137. doi:10.1002/TRTR.01112
- Miall, C. E. (1987). The stigma of adoptive parent status: Perceptions of community attitudes toward adoption and the experience of informal social sanctioning. *Family Relations*, 36, 34-39. doi:10.2307/584644
- Miall, C. E. (1989). Authenticity and the disclosure of information preserve: The case of adoptive parenthood. *Qualitative Sociology*, 12, 279-302. doi:10.1007/BF00989287
- Neil, E. (2012). Making sense of adoption: Integration and differentiation from the perspective of adopted children in middle childhood. *Children and Youth Services Review*, 34, 409-416. doi:10.1016/j.childyouth.2011.11.011
- Palacios, J. (2009). The ecology of adoption. In G. M. Wrobel & E. Neil (Eds.), *International advances in adoption research for practice* (pp. 71-94). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2005). Beyond adopted/non-adopted comparisons. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption: Research and practice* (pp. 117-144). Westport, CT: Praeger.
- Silva, C. (2014). *Conhecimentos dos professores do ensino básico sobre adoção e procedimentos específicos de prática pedagógica*. (Tese de mestrado não publicada). FPCEUP, Porto.

- Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Fonseca, S. (2017). Being adopted in the school context: Individual and interpersonal predictors. *Children and Youth Services Review*, 79, 463–470. doi:10.1016/j.childyouth.2017.06.043
- Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Pacheco, A. (2017). Adopted children's emotion regulation: The role of parental attitudes and communication about adoption. *Psicothema*, 29(1), 49-54. doi:10.7334/psicothema2016.71
- Taymans, J. M., Marotta, S. A., Lynch, S. J., Riley, D. B., Oritz, D. M., Schutt, J. M.,... Embich, J. L. (2008). Adoption as a diversity issue in professional preparation: Perceptions of preservice education professionals. *Adoption Quarterly*, 11(1), 24–44. doi:10.1080/10926750802291377
- Weir, K. N. (2001). Multidimensional aspects of adoptive family social disclosure patterns. *Adoption Quarterly*, 5(1), 45-65. doi:10.1300/J145v05n01_04

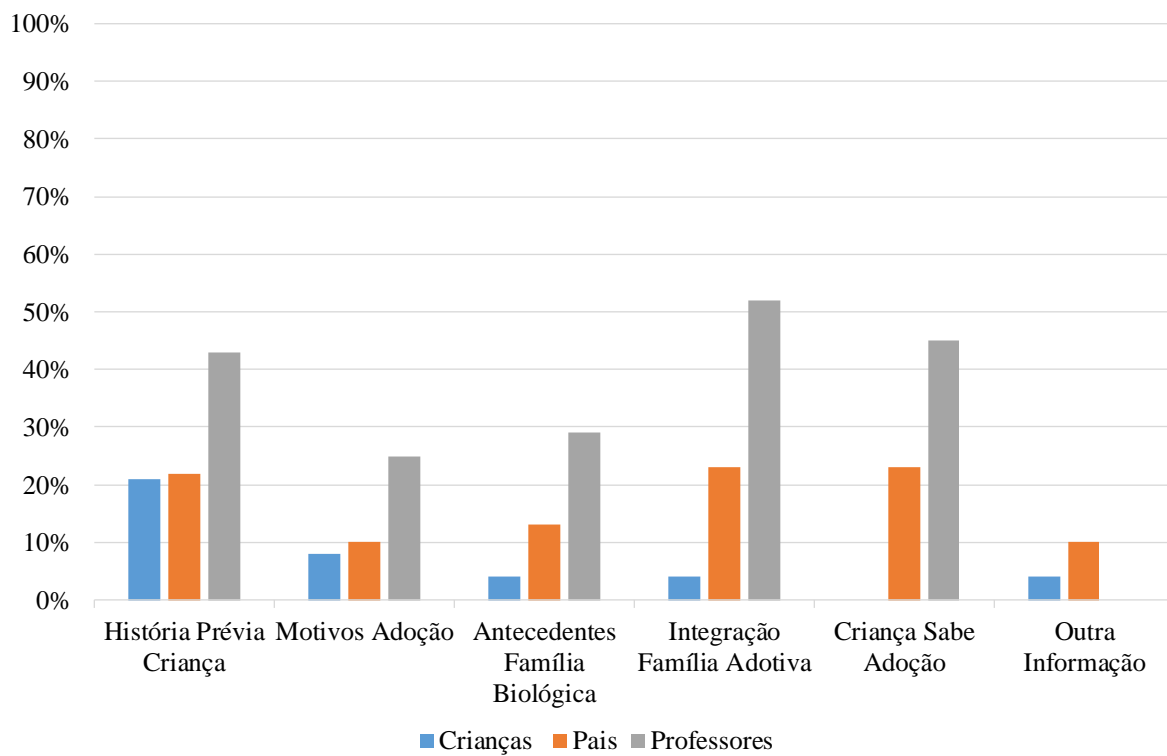


Figura 1. Perspetiva de crianças, pais e professores, acerca do tipo de informação a que os professores tiveram acesso através dos pais. O 100% corresponde ao número total de tríades em análise nesta variável ($n = 64$).

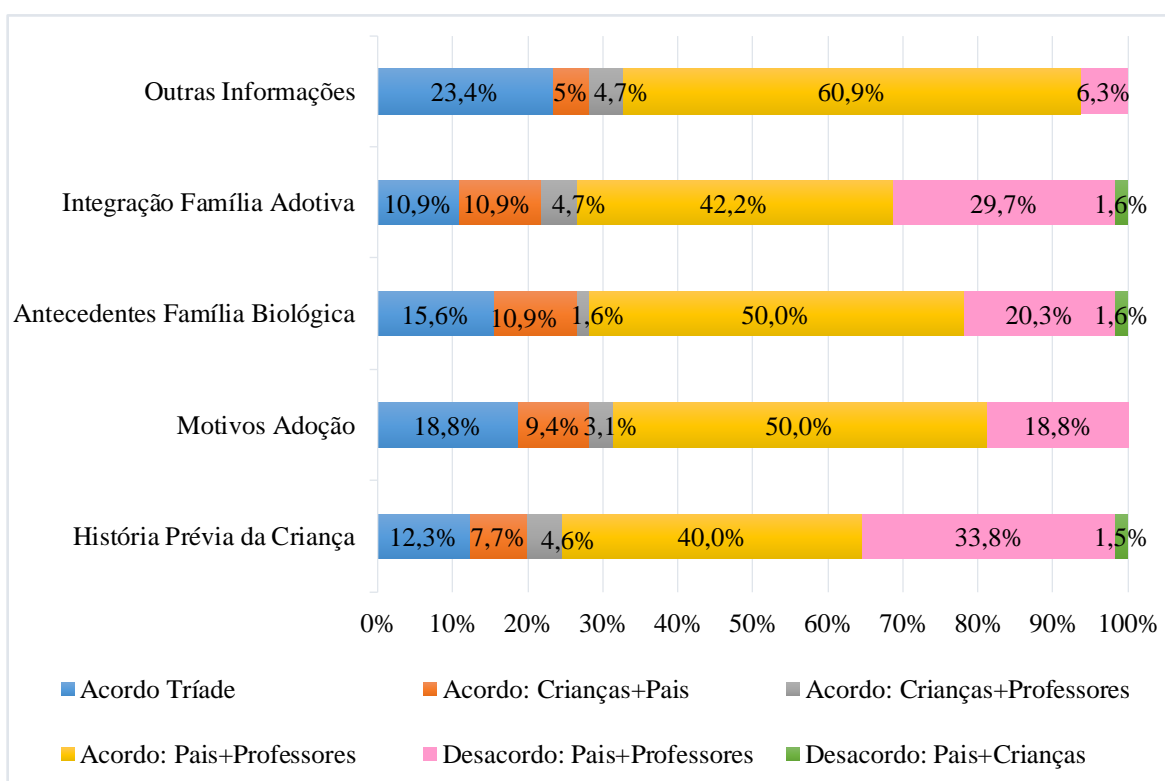


Figura 2. Análise da concordância *versus* discordância em cada tríade, quanto ao tipo de informação sobre a adoção que foi transmitida ao professor pelos pais. O 100% corresponde ao número total de tríades em análise nesta variável ($n = 64$).

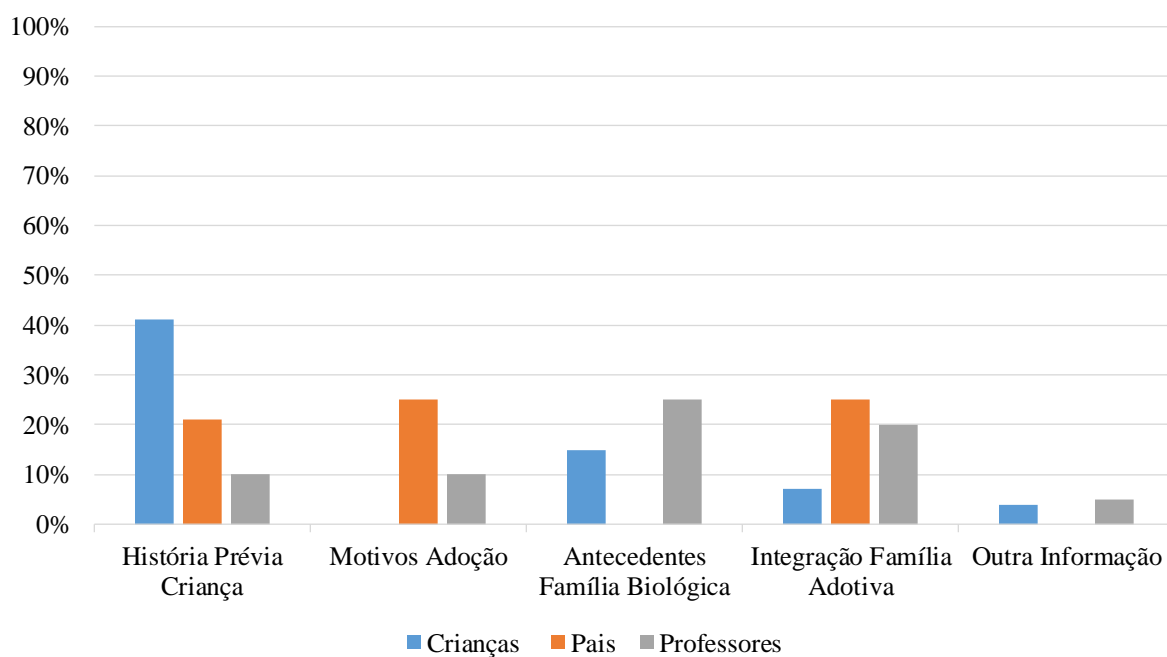


Figura 3. Perspetiva de crianças, pais e professores, acerca do tipo de informação a que os professores tiveram acesso através das crianças. O 100% corresponde ao número total de tríades em análise nesta variável ($n = 12$).

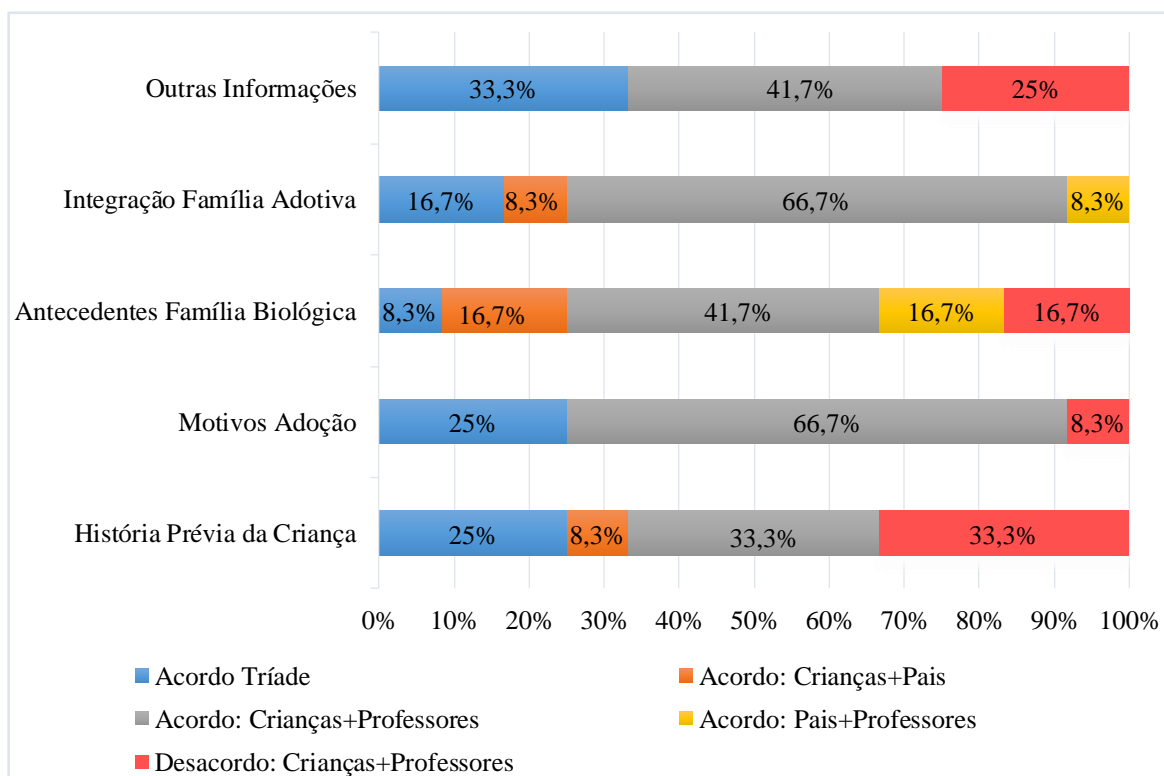


Figura 4. Análise da concordância *versus* discordância em cada tríade, quanto à informação que foi transmitida ao professor pelas crianças. O 100% corresponde ao número total de tríades em análise nesta variável ($n = 12$).

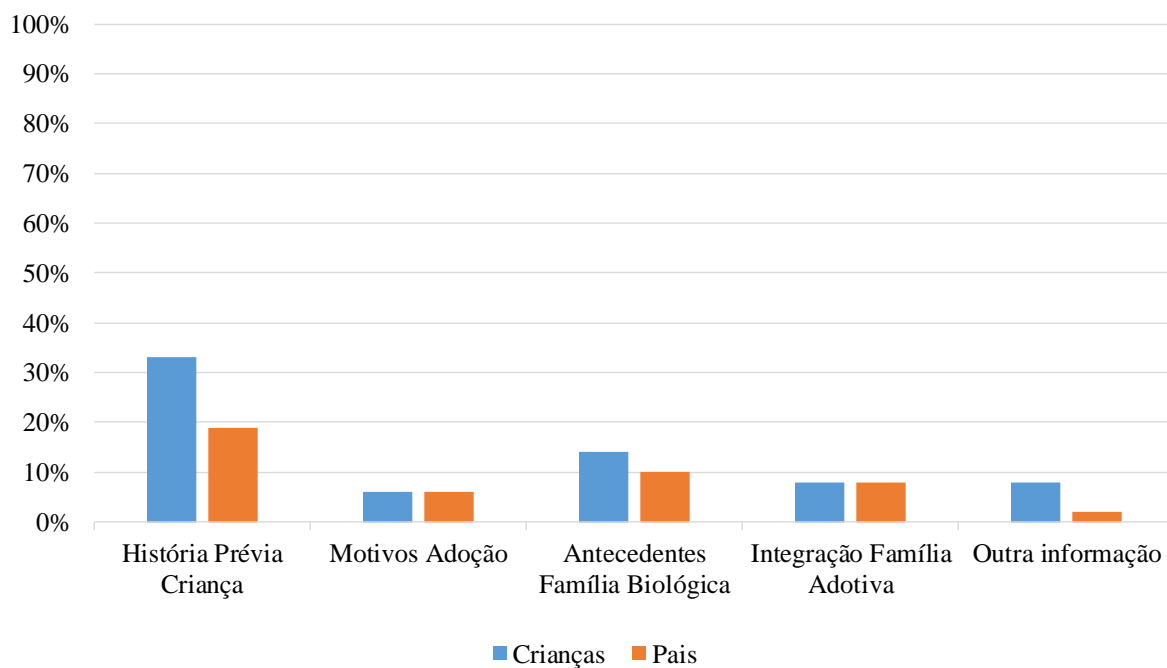


Figura 5. Perspetiva dos pais e das crianças, acerca do tipo de informação a que os colegas tiveram acesso através das próprias crianças. O 100% corresponde ao número total de díades em análise nesta variável ($n = 39$).

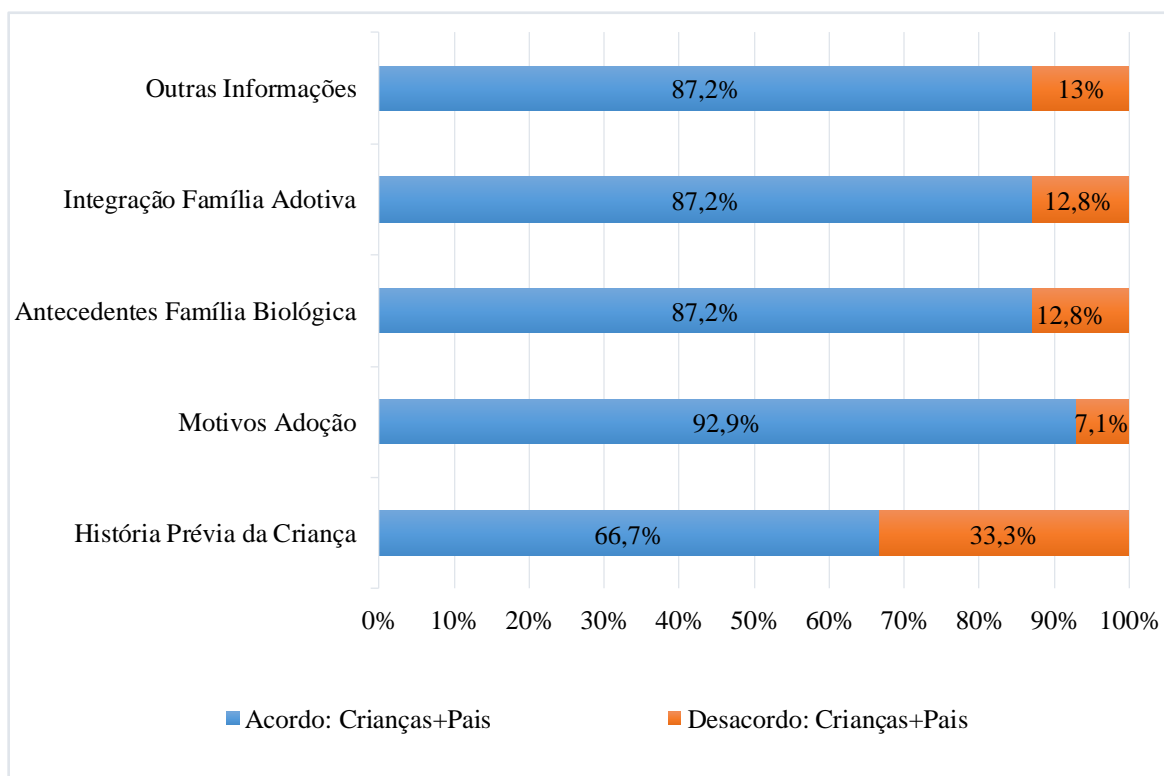


Figura 6. Percentagens de acordo *versus* desacordo entre pais e filhos, quanto à informação que foi transmitida aos colegas pelas crianças. O 100% corresponde ao número total de díades em análise nesta variável ($n = 39$).